

DOENÇA DE CHARCOT

A doença é degenerativa e destrói progressivamente todos os nervos que estimulam os músculos do corpo. Em Salvador, existem 112 pessoas diagnosticadas com ELA, de acordo com os neurologistas do Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos e presidente da Fundação de Neurologia da Bahia - Instituto do Cérebro.

A doença que acomete o sistema nervoso é difícil diagnóstico e a falta de conhecimento retarda a identificação. “A Esclerose Lateral Amiotrófica é classificada como uma doença eletrodegenerativa e ainda não se sabe a cura nem como se processa. Normalmente, o paciente começa com uma fraqueza que ocorre associada à circulação. As pernas ficam trêmulas e o paciente passa a ter dificuldade para andar. A língua também sofre interferência levando o indivíduo a ter dificuldade de falar, respirar e até engolir os alimentos, e assim, a doença vai progredindo e paralisando as funções motoras”, explicou o neurologista.

Segundo a Associação Brasileira de Esclerose Amiotrófica (Abrela), o diagnóstico de ELA é baseado em aspectos clínicos, tendo o eletroneuromiograma como exame fundamental para a caracterização do diagnóstico. Outros exames subsidiários são realizados com intuito de afastar outras doenças. Atualmente, não há nenhum exame que seja um marcador definitivo de ELA. O neurologista é o profissional mais adequado para realizar os exames e identificar a doença.

Em Salvador, os casos de ELA são pesquisados e tratados no ambulatório da Fundação de Neurologia, no Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos em parceria com a Abrela.

NEUROLOGIA E A MÍDIA

“Água gelada não vai resolver o problema, isso não é brincadeira. O que vai resolver mesmo são pesquisas para descobrir o que causa a ELA e a cura para esta doença que faz a maioria dos pacientes assistir a sua morte. Mas, não posso negar que isso fez com que a moléstia entrasse em discussão em programas de TV e jornais”, declarou o especialista, que estuda ELA há 20 anos.

Para o presidente da Fundação de Neurologia faltam investimentos para ampliar as pesquisas que até então são limitadas. No Brasil, três mil pessoas sofrem com a doença. O estado com maior número de casos é no Rio de Janeiro que possui 137 pessoas com a esclerose lateral amiotrófica. No mundo, 420 mil pessoas convivem com a ELA

DIAGNÓSTICO E EVOLUÇÃO

Após a doença ser diagnosticada, o tempo de sobrevivência do paciente normalmente é de quatro a sete anos. Mas, segundo o presidente da Fundação de Neurologia da Bahia, já aconteceu de paciente sobreviverem até 14 anos. O maior exemplo de longevidade é do americano Stephen Hawking que foi diagnosticado com ELA aos 21 anos e, aos 72 anos completados em janeiro deste ano, desafia a ciência.

“Tudo depende do cuidado que o paciente vai receber da família e dos cuidadores. É muito importante cuidar da fisioterapia, da alimentação e da função respiratória porque isso melhora a função muscular”, destacou Andrade. Ele completa ainda que as proteínas, vitaminas e alongamentos também ajudam a prolongar a vida do paciente.

Entre as principais causas de morte em paciente com ELA estão insuficiência respiratória e morte súbita. Por isso, é importante ficar atentos aos cuidados que devem ser redobrados desde o momento da descoberta.

Para garantir uma melhor qualidade de vida, a Abrela recomenda ainda curtir também os ambientes de casa ou do trabalho. Chão escorregadio, tapetes e outros obstáculos devem ser removidos. Uma órtese pode estabilizar uma fraqueza no pé. Adaptadores na mão podem auxiliar tarefas manuais. Uma cadeira de rodas, motorizada ou não, permitirá independência mais prolongada.

Prof. Dr. Antonio de Souza Andrade Filho

Prof. Dr. Willian Dunnigham